

Laurindo Sérgio Filho

MEMÓRIAS DO GATILHO

Laurindo Sérgio Filho

DEPO DO GATILHO

1ª e única Edição



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](#). Você pode copiar, distribuir, exibir, executar, criar obras derivadas, desde que seja dado crédito ao autor original (*Cite o nome do autor, o link para a obra original e avise o autor sobre a utilização da obra através do e-mail: laurindosergio@yahoo.com.br.*) e as obras derivadas sejam compartilhadas pela mesma licença. Você não pode fazer uso comercial desta obra.

Editora BITS/H

Brasília – Tome tento - 2008

Apresentação

“Dedo no Gatilho” deixa de lado o platonismo do primeiro livro e explora uma poesia mais irônica, caustica. Uma poesia não-poesia com um cunho social acentuado. Uma poesia indignada.

Analfapoetismo

Uma caneta na mão,
Uma papel em branco:
poesia analfabeta

Analfapoetismo funcional

Realmente, você é um poeta de mão cheia!
Aqueles três páginas recheadas de palavras
que até o dicionário desconhece.
Citações em latim e toda aquela alusão mitológica.
de deixar Homero no chinelo.
Olha, você está de parabéns!
Agora, que mal lhe pergunte:

– O que que você queria dizer com aquilo?

Apenas eu

Eu não quero ser bom
nem melhor nem pior que alguém.
Eu quero apenas ser eu.

Até logo

De quantos "até logo" se fazem a vida?
Até logo útero materno.
Até logo cordão umbilical.
Até logo incubadora.
Até logo leite materno.
Até logo bundinha de nenê.
Até logo andar de gatinhas.
Até logo primeiros tombos.
Até logo primeiros passos.
Até logo maternal.
Até logo primeira namoradinha.
Até logo primeiras letras.
Até logo dentes de leite.

Até logo infância querida.
Até logo primeiro beijo.
Até logo primeiro amor.
Até logo adolescência confusa.
Até logo primeira transa.
Até logo dezoito anos.
Até logo primeiro emprego
Até logo vestibular.
Até logo universidade.
Até logo mulher da minha vida.
Até logo primeiro filho.
Até logo segundo filho.
Até logo meus trinta anos.
Até logo promoção de emprego.
Até logo mestrado.
Até logo doutorado.
Até logo estabilidade financeira.
Até logo meus quarenta anos.
Até logo segunda promoção de emprego.
Até logo vida sossegada.
Até logo cinquenta anos.
Até logo netos queridos.
Até logo terceira idade.
Até logo aposentadoria.
Até logo amor da minha vida.
Até logo vida.

Bala perdida

Dedo no gatilho,
Olhos no bandido:
inocentes baleados-perdidos.

Basta

Basta dessa baboseira
político-social-sacal.
Basta desses protestos
que não levam a nada.
Bastas de palavras
que não mudarão o mundo.
Que venha o amor
e as poesias enjoativas,
melosas e abobalhadas,
cheia de sentimentos nobres.
Afinal, o amor que sentimos
uns pelos outros, o amor
que temos pelos injustiçados,
o amor que permeia, semeia e
nos dá vida; esse amor que domina o mundo,
que se encontra em cada esquina,
no sorriso dos desconhecidos,
salvará o mundo.
A salvação está
nesse amor que não existe!

Brasília

Essa Brasília
que se corta por seus Eixos
de norte a sul.

Essa Brasília
Núcleo Bandeirante.

Essa Brasília
Candango-lândia.

Essa Brasília
que mergulha em Riacho Fundo.

Essa Brasília
que desagua em Águas Claras.

Essa Brasília
que brota em Samambaia.

Essa Brasília
que plana com suas Asas

Plano Piloto afora

Essa Brasília
que transmite sua vida
por cidades Satélites.

Essa Brasília,
eu não troco por lugar nenhum!

Burrocracia

Os carimbos de Brasília fazem:
asfaltos esburacados,
prédios super-faturados,
escolas caindo aos pedaços,
Ponte para o carro dos abastados
e viadutos para os necessitados.
Os carimbos burocráticos de Brasília
Estão com os bolsos cheios.

Caindo na igualdade

Vou cair no mundo,
sair para farra,
beber até dizer chega
e vomitar até virar
do avesso.

Amanhã, quando a
ressaca chegar e
a dor de cabeça
reboar nas têmporas,
vou olhar minha cara
escaveirada no espelho e dizer:
– Vai, babaca, querer ser igual aos outros!

Cheio de atitude

Eu bebo a morte engarrafada
com meus amigos.

Eu fumo a morte por entre
meus dedos.

Eu, meu pulmões queimados
e meu fígado destruído
somos muito descolados.

Eu sou um morto-tolo-vivo
cheio de "atitude".

Cidade-caos

A Cidade-caos, capital federal do País-caos,
é retrato fiel de todas as outras cidades do país.

Morte natural é morrer de bala-perdida.

Pessoas que nunca foram assaltadas são
mal vistas na sociedade local.

Os mais velhos não passam dos 40 anos de idades,
raros sobreviventes da invasão do país.

O governo subsidia plantações de maconha
e indústrias de refinamento de cocaína e
seus derivados.

As escolas foram banidas e a televisão
é responsável pela educação da população.

As crianças não têm mais infância, nas suas mamadeiras bebem coca-cola e as brincadeiras de roda, substituídas por jogos eletrônicos; desde cedo já são introduzidas no comércio de drogas, vivenciando as brutalidades da vida de uma cidade abandonada nas mãos dos traficantes.

Os políticos fazem com maestria a figuração no teatro do poder que representa-se no país.

O turismo sexual é o que mais atrai estrangeiros para o país.

Os norte-americanos dominam a floresta amazônica e proíbem os cidadãos do País-caos de visitá-la.

Não existe mais uma nação.

A cultura nacional foi substituída pelo lixo norte-americanizados de mulheres peitudas, de racismo, de arrogância e superioridade e de dominação de outras nações..

Os revolucionários que se rebelaram contra a situação foram degolados e tiveram seus corpos expostos em praça pública para servirem de exemplo.

Bandeiras norte-americanas são hasteadas nos ministérios e o hino nacional foi proibido de ser executado pelo principal poder atuante no país: Uma emissora de televisão.

Os americano-ventríloquos manipulam as ações das marionetes-diretoras-de-televisão.

Cidadãos do País-caos são enviados em guerras para morrerem por idéias dos quais não têm consciência.

O País-caos sucumbe ao seu passado de antipatriotismo, de descaso, de irresponsabilidade na eleição de políticos, de passividade diante da situação do país, de manipulação por emissoras de televisão.

O País-caos, outrora chamado Brasil, jaz dominado por sua corruptividade e sua falta de amor à nação brasileira.

Coragem

É preciso ter coragem

para sair de casa.

Coragem

para encarar o mundo

e toda a violência

que nos aguarda cotidianamente.

Coragem

para pegar um ônibus lotado.

Coragem

para trabalhar

de segunda a sexta

e no fim do mês: só o mínimo.

Coragem

para suportar

aquele chefe insuportável.

Coragem

para olhar aquele amor antigo

sabendo que todo sentimento

ainda está vivo.

Coragem

para voltar para casa

estressado de tanto trabalhar.

Coragem

para assistir o filho

mesmo estando cansado.

Coragem

para se deitar
e não quebrar a cama
com o peso das suas responsabilidades.
Antes de mais nada
é preciso ter coragem
para levantar da cama
todo santo dia.

Corpo estranho

A grama sob os pés, rasga a carne
como navalha no pulso do suicida.
Das árvores caem folhas que mais parecem
apedrejar minha urbanidade.
O ar limpo asfixia meus pulmões
viciados em monóxido de carbono.
O céu desanuviado permite ao sol
queimar minha vistas
acostumadas ao cinza patético da cidade.
O vento abre, na pele, feridas que
coagulam concreto e asfalto.

Aqui, no meio do mato, me transfiguro
na efígie da natureza em homenagem
ao homem poluição.

Crise de identidade

Um dia sonhei ser Drummond.
Minhas poesias continham
em si toda sua genialidade.
Outro dia fui Nicolas Behr.
E a poesía brotava
nas pontas fecundas dos meus dedos.
Hoje acordei apenas eu...

Estou deprimido até agora!

Das metamorfoses do amor

Quis dar um tiro
na cara daquela
cadela,
mas a vaca
é uma gata:
sete vidas no rabo.

Me apaixonei.

Diálogo

- Que Jesus abra seu coração!
- E desde quando ele é vivisseccionista?

E agora?

E agora poeta?
A caneta acabou,
o papel se rasgou,
o teclado falhou,
o computador reiniciou,
E agora?

E agora você?
Você que se diz poeta
copia Drummond,
maltrata Drummond.
Você sem inspiração
sem-vergonha-na-cara
sem vergonha na mão.

Está sem poema,
está sem prosa,
está sem pressa,

está sem esperança.
Já não pode dormir,
já não sabe acordar,
seu nome, já não lembra,
e agora?

Se você pensasse,
se você agisse,
se você vivesse.
Mas a vida te demite,
para a vida não tem FGTS,
e você aí sem ter o que fazer,
sem saber o que fazer,
sem saber o que escrever,
e agora?

Agora, você, poeta
se mata!

(Peço perdão ao fã de Drummond por essa heresia)

Eddie

(A meu pequeno cãozinho, que deixou saudades)

Que saudade de ti, meu caro amigo.
A tristeza e a falta que tu fazes
São mais cruéis e vorazes
Que a fúria de qualquer inimigo.

Porque não envenenaram a mim
E te deixaram vivo.
As coisas não deveriam ser assim
Nunca fostes ameaçador, quanto menos nocivo.
Então, porque este castigo?
Quem foi capaz desta insânia desmedida?
Roubaram-te a vida
E meu grande amigo.
Mas valeu, Eddie, pelo tempo nos cedido,
Pelas alegrias dadas, as lambidas matinais,
As brincadeiras, o amor a nós despendido,
As travessuras, e toda felicidade a mais.

Tu, eu e ele

Tu, eu e ele
somos todos pronomes
da mesma pessoa:
amor;
estamos todos
sujeitos ao mesmo verbo:
amar;
somos passivos
da mesma ação:
ser amados.

Se a gramática,
que é a gramática,
não complicou o nosso caso
quem somos nós para questioná-lo?

Entre o pensar e o fazer

entre o pensar e o fazer
existe um abismo:
consciência.

Estão tentando me afogar

Com tanta chuva assim
só me vem uma coisa à cabeça:
tem Alguém querendo me afogar.

Estruturamento do caos

Estruturamento do caos

Saia do rumo;
reinvente;
distorça a realidade;
entorte os caminhos;
siga em frente
fazendo círculos,
dando cambalhotas
mergulhando de ponta

no vazio da vida.

Quando o que restar
for uma grande
e inexorável dúvida
sinta-se feliz e
seja bem-vindo ao caos!

Eu e você

eu e você,
a mesinha de cabeceira,
as roupas jogas pelo chão,
os lençóis amarrotados,
os travesseiros surrados:
todos espectadores,
protagonistas e coadjuvantes
do nosso amor.

Ficando alien(ado)

Esse céu verde
fosforescente
incandescente
está me deixando
crente crente

que tem uma alienígena
do meu lado.

Ela é chapa quente
e está me deixando
excitado.

Vou me atracar
com ela num
bacanal intergaláctico,
fazer uns bastardos
verdinhos
e ficar alien(ado).

Fatídico

O homem desceu à rua
não viu o carro:
morreu atropelado.

Habemus papa

O Papa não quer que eu ouça rock,
mas o Papa não é pop?

O Papa não quer que eu use camisinha,
mas o Papa não é pop?

O Papa só quer que eu faça sexo para procriar,
mas o Papa não é pop?

O Papa não quer que células-tronco salvem vidas,
mas o Papa não é pop?

Hoje, agora

Hoje, agora
não tenho nenhuma perspectiva
para amanhã.

Hoje, agora
não tenho nenhuma lembrança
de ontem.

Hoje, agora
estou no meio do fogo cruzado
entre quem fui e quem serei.

Hoje, agora
não sou.

Lapso de lucidez

Hoje, num lapso de lucidez
surpreendi a mim mesmo
tentando mergulhar
no céu-mar-azul de Brasília.

Libertai-vos

Libertai-vos,
pobres versos,
destes sonetistas tiranos
que teimam em algemar-vos.

Libertai-vos,
palavras encarquilhadas,
destas mentes enodoadas
que amarram-vos em dodecassílabos.

Libertai-vos,
sonetos abobalhados,
desta forma triste
e repressora.

Fugi-vos pelos
quatro cantos do papel
e sejais livre para o bem
de todas as mentes que se perdem
tentado vos entender.

Lua cheia

A lua me hipnotizou de uma forma tal
que quando dei por mim
tinha sido arremessado uns 50 metros
pista a dentro.

Meu sangue vermelho-vivo
tingia de vida
o asfalto cinza-morto.

Manhãs de dezembro

Manhãs de dezembro
O cheiro gelado
dessas manhãs de dezembro
é tão bom
que eu passaria
a vida inteira
cheirando esses dias.

Minha dor

Minha dor
não rima com amor.
Minha dor
rima com fúria,
rima com revolta,
rima com solidão,
rima com loucura,
rima com indignação,
rima com ódio,
rima com medo,
rima com tédio.
Minha dor
rima comigo.

Minha poesia

Minha poesia não retrata
fatos históricos nem se preocupa
com as mudanças de estações.
Nem faz referências a qualquer
tipo de bucolismo despropositado.
Minha poesia não se preocupa
com política, nem com a sociedade
por uma auto-imposição
conscientemente-estúpida.
Minha poesia retrata o instantâneo.
Aquilo que penso enquanto dou
uma cagada aliviante, ou o que sinto
quando dou uma topada
com o mindinho do pé na quina
de algum bendito móvel.
Minha poesia retrata aquilo que penso
quando não estou pensando.

Motivo para viver

Para que você
foi me sorrir
daquele jeito?
Agora, com que ânimo
eu vou me suicidar?

Mundinho particular

Meu carro hermeticamente blindado
me isola dos males da sociedade brasileira.
Meus vidros revestidos com películas
evitam que eu veja o que acontece
fora do meu mundinho particular,
vigiado por sistemas de câmeras,
cercado por cercas eletrificadas,
guardado por pit-bulls engravatados
e de óculos escuros.
O que fazer?!
eu não me preocupo,
contanto que meu dinheiro ainda me "proteja",
eu não estou "nem aí".

Mundo perdido

Esse mundo
está perdido mesmo:
até Deus virou estelionatário.

Natal à brasileira

Nem jingle bell
nem papai Noel.
Ao som do frevo
mamulengos e bonecos gigantes
entregavam presentes
entre crianças e sombrinhas.

No banheiro

É no banheiro,
que eu, sentado, medito sobre a vida
enquanto aguardo você sabe o que
cair você sabe onde.
Penso, reflito, questiono,
respondo, decido, sonho,
planejo, me programo,
mas tudo só dá em MERDA.

Notícia de última hora

Extra! Extra!

Poeta vira-letra tenta suicídio
saltando do Congresso Nacional,
na tentativa de fazer da sua morte
sua melhor poesia,
mas acaba tendo sua queda amortecida
pelo espesso mar de lama
que jorra nas sessões parlamentares.
E entende que nem se suicidar por protesto
adianta nesse país.
Tudo continua na mesma merda.

Novo milênio estranho

Esse novo milênio
realmente está
muito estranho.

Por mais que eu mude de canal
só tem padre na televisão.

O amor e eu

Eu já tirei o amor de moda e
já o condenei a morte.

Eu e o amor não nos entendemos.

Agora o amor veio,
me tirou de circulação e
me condenou à morte.

Aqui estou, braços abertos,
aguardando o fuzilamento.

O diagnóstico

Fui a um terreiro de macumba
me consultar com um pai-de-santo.

Fui a uma centro espírita
me consultar com alguns médiuns.

Fui a uma igreja evangélica
me consultar com um pastor.

Fui a uma igreja católica
me consultar com um padre.

Fui a um templo budista
me consultar com uns monges.

fui a uma sinagoga
me consultar com um rabino.

Todos foram unânimes no diagnóstico:

Minha alma não tem salvação.

O ônibus

No meio do caminho tinha
um ônibus tinha um ônibus
no meio do caminho.

No meio do caminho tinha um ônibus.
O filho da puta me fechou
e eu bati nele.

O peso do pensamento

Penso! E como pesa a cabeça pensante.

Se ando curvo, não é por carregar o mundo nas costas,
é por pensar.

Vejo o mundo se desfazendo:

como aquele castelo de areia

que construí naquelas férias com minha família.

(Bons tempos...

A infância é sempre melhor quando somos adultos.)

O mundo não passa de um castelo de areia.

A cada ano as marés sobem com mais força.

Daqui alguns anos saltaremos pelas janelas do castelo

gritando: "Salve-se quem puder!!!!"

(No desespero, o ser humano é um egoísta.)

E aquele homem que gritou: "– Eu sou testemunha!!!"

hoje, criança, chora as suas recordações ameaçadas pelas ondas.

Chora porque pensa. Pensar traz lágrimas aos olhos.

Reza. Inutilmente, ele reza. Reza para não pensar.

Paradoxalmente, reza em busca de respostas.

Mas tudo o que lhe vem à mente é o eco desesperado dos seus pensamentos.

Por isso sua cabeça pende para frente e seus ombros são curvos.

Por que pensar não é carregar o mundo nas costas,

mas trazê-lo na cabeça.

O relógio

Duas horas da manhã,
o relógio da vida teima e funcionar.
Três horas da manhã,
o relógio da vida tá mesmo afim de trabalhar.
Quatro horas da manhã,
puta que pariu, ele quer me ver morrer.
Cinco horas da manhã,
ele assiste de camarote minha batalha com o sono.
Seis horas da manhã,
o dia teima em nascer
e lá está ele, impávido na sua ditadura.
Sete horas da manhã,
o sol, incidindo sobre ele,
reflete na minha cara e me obriga a levantar.
Oito horas da manhã,
nenhum vacilo dele.
Nove e quinze da manhã,
ele se espreguiça com desdém.
Dez e dez da manhã,
parece que o sacana tá rindo da minha cara!
Onze e cinco da manhã,
agora ele me deseja paz e amor.
Meio-dia em ponto,
o maldito faz um gesto obsceno.

Depois desse dia comprei um relógio digital.

Olhando meu amor

Olho, olho, olho.
Nunca me canso
de te olhar.
Olho-te fixamente
até o olho secar.
E continuarei
te olhando
até você virar
uma lágrima.

Paranóia

Alguém
em algum lugar
disse algo
para alguma pessoa
numa determinada hora
em certo dia
sobre tal assunto
que hoje
afeta minha vida.

Pátria mal amada

Teu formoso céu risonho e límpido,
hoje, precipita gotas de sangue.
Chore! pátria mal-amada
por estes teus filhos ingratos.

No nossos bosques sem mais vida,
ao som do mar e à luz do céu profundo,
o funeral se incia com o discurso solene
dos políticos-estelionatários, eleitos
em um processo esmolacrático de alienação.

Enquanto tua marcha fúnebre prossegue
o povo, indiferente, tem sua mente lavada
pela televisão "global".

Sem amor e esperança a terra falece.
E profetiza o verde-louro dessa flâmula
– Caos no futuro desse inglório passado.

Dos filhos deste solo és vítima,
Pátria mal-amada,
Brasil!

Poesia do esquecimento súbito

O que
que eu ia
escrever
mesmo?

Poesia terrorista

Minha "anti-poesia libertária"
se infiltra dentro
do soneto insosso,
amarrada a palavras-bomba,
e se auto-explode
espalhando letra
pelos quatro cantos da página.

Premeditando a morte de Joco Loco

Joco Loco é uma cara doidão
fuma, cheira, bebe
e continua são.
Filho da puta!
Ainda meto um balaço
no meio da testa
do Joco Loco
só para ver ele cair
durinho no chão.

Quem disse

Quem disse que quando
morremos vemos a nossa vida
passar diante dos olhos
estava mentindo.

Faz três minutos que cortei
os pulsos e tudo o que vejo
é o painel informativo
do aeroporto imóvel:
MORTE ATRASADA.

Revoltado

Acordei puto da vida.
Dei um pontapé
na bunda da minha poesia!
Quem sabe assim
ela não cria vergonha na cara
e larga mão de ser medíocre?

Sacolejo

A poesia me agarra pelo colarinho
me sacode, me pressiona contra a parede
e questiona:
– E aí? vai ficar nessa de poesia descartável
ou vai fazer algo que preste?

Satisfeito

sempre fui muito simples.

nunca precisei de muito

para sobreviver:

três refeições

do seu sorriso por dia

intercaladas

por lanches do seu olhar

já me bastam.

De sobremesa?

Bem, de sobremesa uns beijinhos

porque ninguém é de ferro.

Suicídio na rodoviária

Estou indo me suicidar

na rodoviária.

Apunhalarei meu coração

com pastéis de carne

e me afogarei em caldo de cana

Enquanto me jogo

das escadas não-rolantes.

Teledomesticados

Paira em tudo uma certa acomodação.

Nas pessoas, mais e mais alienação.

Vidas perdidas em frente a televisão.

Testemunhas

A humanidade está cada vez mais
mediocre na sua proposta de ser.

Já não nascem mais filósofos,
os grandes homens jazem mortos.

Passamos por uma crise intelecto-espiritual.

Ser grande é ser Big Brother ou
dar as caras em algum programa de TV.

O mérito desceu pelo ralo.

E um homem para se mostrar ciente do mundo,
para se mostrar presente, também, no mundo
vocífera, ou melhor, berra como um animal agonizante:

– Eu sou testemunha!

É isso... Somos testemunhas,
tolas e inúteis testemunhas,
inelutavelmente testemunhas
da degradação humana.

Todo dia

Todo dia
é exatamente a mesma coisa
bala perdida,
gente baleada,
crimes diversos,
violência a torto
e a direito.
E a politicada
só coçando o saco!

Todo todo para te sentir

Sou todo ouvidos para os teus beijos,
todo língua para os teus seios
todo mãos para o teu corpo.

A bem da verdade,
sou todo todo
para te sentir.

Tudo listrado

Olhei tanto para a
folha do caderno
tentando parir
um poema
que agora estou
vendo tudo listrado.

Um dia triste

(A minha cadelinha Meg, que se foi em tão pouco tempo)

Hoje o dia será triste
e não há ninguém
que possa desfazê-lo.

Hoje sentarei na varanda
para ver o vento passar,
ver os pássaros voarem,
talvez ver a chuva cair e,
quem sabe, consigo
levar essa tristeza.

Hoje deitarei na grama
e inutilmente esperarei
você aparecer para me fazer rir.

Hoje olharei seu quarto,
sua cama e seus brinquedos
e só verei as lágrimas
que você me deixou.

Hoje deitarei mais cedo
e lembrarei as suas
travessuras.

E com certeza entre lágrimas
surgirá um sorriso.

Um poema de amor

Queria escrever um
poema para dizer
que te amo.

Mas para que complicar?

Para que poema?

basta dizer:

eu te amo.

Uma visão em Brasília

Ali, na ponta da cruz
(ou do "avião"?! Vai saber...)
que corta o coração do Brasil.

Ali,

onde os três poderes
abrem as pernas entre si
na praça do bacanal.

Bem ali eu vi a estátua da "Justiça"
dando uma espiadela por debaixo da venda.

Fim

ou

Disparo Acidental

reclamações? sugestões?

laurindosergio@yahoo.com.br

ou

Procon/DF: 151